

DEUS E O MANEJO SOCIAL DE NOSSAS (DES)GRAÇAS

Esses dias vi meio rapidamente dois temas sendo remexidos em seus (im)possíveis aqui nas páginas do Facebook. **Um deles é o da morte**, que é, sem sombra de dúvidas, o amarril do feixe de vários outros temas do mesmo campo semântico e vivencial: vida depois da morte, a razão de estarmos aqui, o sentido último da existência e da persistência. **O outro tema é o velho e quase desgastado pareamento do bem com o mal** – pode ser também do “bom com o mau”!

Coincidentemente esses temas têm me retornado à lida nos últimos anos, talvez em razão de certo isolamento social que o bolsonarismo e a pandemia me impuseram e, no vão dessas faltas, contribui também a tentativa de lidar com memórias, escritas e ponderações (e também despautérios...rs!) que nortearam minha vida até aqui nessa antessala da velhice.

Aqui na roça a gente convive com a diversidade da fauna e da flora, além das imposições dos ciclos naturais (estiagens, chuvas, frio, geadas, ventos, tempestades) e das falhas dos recursos humanos, principalmente quedas de energia (de vez em quando, estou refletindo no escuro, à luz de velas, isolado aqui no alto da Mantiqueira, à mercê das assombrações...rs!). O envelhecimento também coocorre e ajuda a (des)configurar o (des)amparo. Dobrar o cabo dos sessenta e estar aposentado têm lá suas aberturas para os desvarios da filosofança, sobretudo quando se tenta evitar a sedimentação do reacionarismo e da acomodação fácil no colo das religiões.

Desde os dezesseis anos é que martelo sob a bigorna fria das ciências e da filosofia as questões das origens, da morte e dos sentidos sem acomodá-las à religião. Depois de mais adulto experimentei idas e vindas em relação às teorias que tentam salvar algum legado humano que favoreça mais o coletivo e menos o exacerbado individualismo, pelo menos na economia material.

Em relação ao primeiro tema, a busca de um sentido para a vida e a morte, continuo obstinado, em não aceitar o imaginário das religiões. Trato-o no singular (imaginário), pois para mim, por mais que as religiões variem, a estrutura de todas é esse cagaço de enfrentar a morte, tanto a nossa, a pessoal, como a de pessoas queridas.

Uma das questões mais complexas que me punham desde os dezesseis era: “...e na hora do aperto?!”, “...e quando você estiver morrendo ou quando uma pessoa muito próxima e querida estiver pra partir...?!” Era me pressionando contra um aparente beco fechado que meus interlocutores religiosos tentavam arrancar de mim um vacilo diante de um pretenso poder que seria capaz de aliviar as minhas dores ou mesmo evitar a morte de uma pessoa querida. A ideia era que o ateu arregaria nessa hora funesta e abraçaria o primeiro símbolo religioso que aparecesse.

Não sucumbi a essas ameaças! Conheci também muitas pessoas que suportaram suas dores e morreram sem arregar!

Quando em alguma situação assim, ou mesmo diante de algum perrengue de saúde (quando a gente fica no hospital aguardando resultados de exames pra saber se o coração ou o fígado ainda aguentam mais algum tempinho), **sempre procurei buscar a (i)lógica de que o sentido é exatamente a falta de sentido**. Aceitar que temos um criador que nos fez à sua imagem e semelhança é mais absurdo quanto assumir nossa origem nas explosões estelares, na condição de sermos pó de estrelas (é a versão mais literal do “vimos do pó e ao pó retornaremos”!)

Para muitos seria quase impossível também que esse rearranjo dos elementos que compõem o pó das estrelas (nosso corpo, nossos laços sociais) ao longo dos milênios pudesse alcançar uma forma, uma lógica físico-química e atingido o glorioso patamar de se compor como ser capaz de pensar nisso que estamos pensando, ou seja, uma possível origem natural sem um ato único de criação feito por um Deus.

Pôr um Deus na jogada, uma vida eterna e incorruptível, apesar de ser a solução mais fácil para o tal conforto espiritual, não deixa de acrescentar mais confusão ao caos do sem sentido. Para mim, Deus seria uma dimensão difícil de ser concebida fora desse escopo do imaginário das religiões ao longo da História – esse Deus dos homens, sempre associado ao poder econômico! Seria muito complicado imaginar uma potência desencadeadora de tantas forças no espaço-tempo do universo, um arregimentador de tanta energia e materiais dando consistência a um vazio cujos sentidos ainda não cabem na inteligência humana. Vazio de sentimentos, de falta de sentido; vazio como espaço intersticial da matéria – imagine se seus olhos fossem capazes de enxergar nossos vazios, o que veríamos de nosso corpo? Um jogo de luzes, como quando os ilustradores tentam dar forma a ideia de um espírito de luz. A ideia da alma seria então a ideia do vazio cheio de luz?!

A Astronomia talvez seja a grande escavadora de vazios incríveis e promissores para a compreensão dos mistérios da vida. Mas se a porta da mente se fecha com a aceitação plena do Deus dos homens e do poder, torna-se impossível aos religiosos conceberem qualquer aventura cognitiva ou psíquica que lhes acrescente alguma novidade ou que amplie o modo de pensar e de enxergar o mundo - ah, esse Deus é mesmo dos homens mesmo, reluta em incluir o feminino em sua potência e em seus mistérios – a fêmea, na constituição da trindade cristã, foi substituída por um tal Espírito Santo, cuja forma é uma pomba brilhante! Maria fica no degrau debaixo, pode até interceder junto à trindade, mas não faz parte dela - tal como convinha aos homens, manter a mulher no degrau debaixo para toda a eternidade, amém!

Claro que é inevitável a pergunta: diante de tanto mistério, por que não sossegar essa incômoda comichão colocando um trono acima de tudo e de preferência assentar nele uma figura parecida com o homem, que é capaz de orientar até mesmo nossos desejos em relação ao outro? Para muitos é mais tranquilo sossegar o facho assim! Não consigo! Meu entusiasmo (teos dentro de si?!) cresce ainda mais quando leio livros de astronomia: quando aprendi que o universo já não é mais único, mas um multiverso, fiquei pensando num pasto imenso e em nosso universo como uma bosta de vaca e em nós como minúsculos seres dentro dela que ainda não sabem que há outras bostas de vacas na imensidão do pasto porque ainda não conseguem conceber que o gramado não é bem um vazio, mas sim uma consistência capaz de suportar inúmeras outras bostas espalhadas por aí.

Imagine uma pessoa que diz que vai orar por você, que vai pedir a Deus para interceder por você, pela sua saúde ou mesmo ajudar a encaminhar alguém para a outra vida, ao lado do pai celestial? Melhor ainda se você pensar em uma situação em que esse Deus seja só seu e dos seus (pode ser da sua família e também dos que de fato, segundo você, seguem bem os dogmas) e que esteja sempre pronto para defender você e sua família, talvez até parte de seu país, mas que tenha também um ódio bilenar acumulado e rearranjado na forma de um “inferno” para comportar os que caem de suas graças. Mas você, que é um grande puxa-saco dele, que fica o tempo todo dizendo que ele é grande, que é o maioral, que é infinitamente misericordioso e amoroso, pensa então que é um dos poucos que tem essa prerrogativa de falar com o rei do Universo (ou do multiverso?) e interceder para que ele ilumine o caminho dos seus e que encaminhe os desgraçados (aqueles que perderam a graça divina) logo para o inferno. Ou seja,

você usufrui desse poder, usa-o para figurar bem junto aos seus semelhantes: muitos sonham ser reconhecidos como criaturas preferidas do Pai!

Para mim, Deus é o maior e mais complexo manejo discursivo dos humanos. Um poder pai de todos os poderes, um discurso que se instituiu ao longo dos milênios e que ajudou muito a formar os “aristos”, os “graciosos”, os da “casta X”, o “alto clero”, os “moedeiros de púlpito” e os que armam guerras gigantescas em seu glorioso nome. Nada mais incrível do que explorar ou mesmo desgraçados em nome de Deus!

Deus, enquanto discurso, é também o tapa-buraco do sentido maior, portanto é o tapume das reflexões mais aprofundadas. A condição *sine qua non* para adotar Deus ou para cair nas suas graças é aceitar o tapume definitivo de nossa capacidade de indagar sobre os grandes mistérios da existência. Ah, topamos com o sem-sentido, então vamos pôr Deus lá e pronto! Agora sim estamos **preparado(a)s**, com Deus iluminando nosso caminho (note que iluminar quer dizer também dar sentido, esclarecer, trazer para o claro, tirar da escuridão demoníaca toda a verdade sobre o sentido da existência). A clarividência que a ideia desse Deus traz iluminou a guerra, o machismo, a escravidão, a exploração do homem pelo homem e tenta encerrar qualquer possibilidade de um pensamento mais aprofundado sobre as sociedades humanas sem a triste figura dos desgraçados, que, por sinal, constituem a base sobre o qual os poderosos acumulam seus poderes laicos e sagrados.

Desde os dezesseis anos lendo a Bíblia com muita atenção, procurando sentidos, consegui sobreviver fora da graça de Deus, como um “desgraçado” que pensa. Vivo sem esse tapume, deixando o vazio como se fosse aquele vazio do quebra-cabeça, aquele quadradinho vazio por meio do qual a gente move as peças. Sem aquele buraquinho sobrando, as peças não podem ser movidas e o falso quebra-cabeça permanecerá eternamente resolvido.

Então continuei pensando, mas sempre como desgraçado, pessoa com pouca graça para os muito engraçados. Ah, uma vez ouvi de um Rabino que o Joseph Safra ficou bilionário porque tinha a graça de Deus! Um dos maiores banqueiros do mundo, portanto um desses que se enrica sobejamente graças à miséria de milhões, foi ajudado por esse Deus, pelo simples fato de possuir a graça (será que ele a comprou?! Ou a ganhou com orações?!). Safras só são possíveis quando na semente já se determina que os frutos da lavoura não alimentarão os expulsos do paraíso, os filhos de Caim. Diz essa religião: tire da boca deles, inclusive de suas crianças, para construir sua fortuna, pois você tem o dom e a graça!

Tive o prazer de ler alguns autores que me ajudaram a pensar a vida, o uni(multi)verso as relações humanas, a educação, as artes etc. Entre eles, por exemplo, encontrei James Lovelock, com sua hipótese/teoria Gaia, que atualmente é complementada pela notável Lynn Margulis (“O que é sexo”, “O que é vida?”). Muito interessante pensar, pra além de nosso individualismo (que também é uma construção ideológica que o processo civilizacional nos legou!), que a Terra toda forma um sistema de vida, que somos um tipo de ser que só se compõe com a dinâmica de vida ou morte do planeta Terra em sua posição em relação ao sol, à galáxia etc., como se fôssemos as bactérias que ajudam na (des)agregação de um corpo biológico, cuja forma tem sua duração. O capitalismo é a doença mortal deste planeta!

Observando a dinâmica da fauna e da flora aqui na roça, bem isolado, me sinto um pouco parte de um fenômeno sem Deus, entregue à dinâmica das forças que agregam e desagregam. Quando uma formiga marcha desviando-se de várias companheiras da mesma espécie, parece determinada a realizar a sua tarefa, que é parte de uma tarefa maior, a construção da moradia e do silo coletivos. Também noto a saga solitária do lobo Graxaim, recém-abandonado pela mãe,

que o entrega à sobrevivência solitária quando ainda é bem jovem, quase imaturo. Claro que dá uma puta vontade de atribuir sentidos a esses fenômenos. Ah! Veja só como essas formigas são coletivistas; note como a mãe do lobo pratica bem o princípio da seleção natural (se o lobinho for suficientemente forte, vai sobreviver, se for fraco...) ou simplesmente pensar que todas são criaturas de Deus, que o criador norteia o passo de cada formiga e ainda os passos serelepes do pequeno graxaim. Mas, cá entre nós a ordem da natureza é sempre um mistério. A ciência sabe disso, então o que temos são modelos provisórios para a compreensão de tudo isso.

Quando penso só em mim, no fazer sentido de minha existência aqui neste torrão, percebo que a concepção das origens começa a ficar cada vez mais impossível, contudo, se eu bobear um pouco, lá vem o Deus dos homens pra tamponar o vazio da reflexão. Então, a carência de Deus está ligada a esse individualismo a que chegamos, quer em relação a outras espécies (somos filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança), quer em relação à gente mesmo quando nos consideramos especiais e únicos diante de outros povos e etnias. Então me pergunto: qual o lugar de Deus no Multiverso?!

Também noto - estudando um pouco das ciências e filosofia - que boa parte das pessoas agraciadas por Deus com a riqueza são bem inimigas da espécie como um todo. Acham-se tão filhos de Deus, que recolhem para si o que tem de melhor na Terra (atualmente alguns bilionários vão até fazer turismo fora da Terra e sonham com o escape para o espaço quando este planetinha virar o inferno de todos os demais filhos de Deus), então, aproveitam essa “graça” e a ingenuidade do povo para preparar uma grande riqueza para seus filhos e netos, sem dar muita trela para os desgraçados, “ora, os desgraçados aqui da Terra, tornar-se-ão agraciados (ou engraçados?) na outra vida!”

Os desgraçados, apesar da miséria, sentem-se agraciados com essa possibilidade, então, entregam suas vidas ao “graças a Deus”. Essa ingenuidade me dói muito, pois conheço muita gente boa que até consegue desenvolver uma ideia espiritual associada à luta política, contudo o que dói mesmo é saber que o fundo comum é o velho Deus inventado pelos poderosos pra facilitar o domínio sobre o(s) povo(s).

O segundo tema: haveria possibilidades de um socialismo, de uma vida comunitária, na gestão da qual cada pessoa se sentiria honrada por ser uma formiga decente que contribui com sua parte para a glória de um formigueiro sem escravos, castas e classes?!

Sempre discuti esse tema com alguns amigos cétricos, que também não aceitam o “graças a Deus”, contudo veem o ser humano como incapaz de tecer uma vida coletiva, incapaz de chegar a uma ética suficiente para se projetar a felicidade coletiva. Drummond viu como ninguém essa capitulação em “Elegia 1938”:

*Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.*

*Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.:*

E eu que sempre me recusei a pensar que o ser humano não fosse totalmente inflexível, que um dia, por influência de uma ou outra ideologia bem formulada, poderíamos juntos pensar na saúde do planeta, no combate à fome, nos cuidados com a infância e a velhice, no tratamento dado às diferenças entre povos e pessoas – fazendo isso não como um investimento para ter em troca um lugar especial ao lado de Deus, mas sim como um “religare” ao outro, à dimensão cósmica de uma existência onde as diferenças não sejam medidas por um fiel exato, bem

posicionado e regido pelo trono de alguma divindade (lembrando que “fiel” é também o nome que se dá ao ponteiro da balança).

Muitas vezes cheguei a pensar que esse meu desejo era um resquício de uma certa religiosidade, um fundo psíquico primitivo no qual prevalecesse alguma memória coletiva além de meu ego, algo mais próximo daquele comportamento da formiga, que sem reivindicar alguma parte maior para si, ruma com sua contribuição para o bem-estar de todo o formigueiro.

Esse pensar me aguçou o tino em relação às palavras que usamos nessas ocasiões, no vocabulário, no glossário que herdamos para tratar temas novos e antigos... “Eu acredito que...”. Notei que pra além de nossas dimensões de sentido, há também essa força que não é exigida da formiga, uma certa compulsão à crença – Nietzsche chamou isso ou algo próximo disso de “vontade de verdade”. Algo assim: para que eu pudesse agir acima de qualquer suspeita em benefício da espécie, do “planeta simbiótico” (aliás, nome de um dos livros de Lynn Margulis), eu precisaria **acreditar** na bondade vencendo a maldade, em uma certa ascensão do indivíduo contributivo em relação ao coletivo.

Nesse sentido, também percebi que é típico de boa parte dos seres de nossa espécie torcer contra qualquer pretensão que aponte para alguma idealização, por exemplo: muitos intelectuais zombam de grupos que se norteiam por um ideal e lutam por uma vida mais justa e por maior equilíbrio entre o Homem e o planeta. Interpõem aí o seu “não acredito” sem pensar muito que a coisa pode estar fora simplesmente do par religioso “crer – não crer”. Esse par acaba sendo um divisor de águas entre os que lutam e os que não lutam, mas e se a gente não aceitasse esse par religioso? Se tocássemos a vida levando em conta o “impossível”, o “absurdo”! Estamos num mundo sem esse Deus capitalista e machista, queremos uma vida melhor mesmo sem ter muita certeza se ela é possível ou não! Como se fôssemos astrônomos sonhando com a (im)possível viagem à “Próxima Centauri” (apenas 4,2 anos-luz da Terra). A saída do universo para o multiverso até dá pra imaginar, mas ainda de forma alegórica, simplória, como se caminhássemos num pasto em meio aos montes.

Por que alguns assumem com galhardia esse ceticismo sociopolítico sem levar em conta que a vida em si é uma luta diante de (im)possíveis e de absurdos?! Querer que o destino de um movimento, de uma ideologia posta em prática, seja sempre pautada por uma falível perspectiva idealista não deixa de ser tão ou mais idealista do que os que apregoam essa possibilidade.

Contextualizando melhor esta parte: quando surge um grupo de ativistas, que de alguma forma demonstra certa coerência em suas ações, mas que ao praticar alguma incoerência ou erro, seria logo condenado e rotulado como pior que os outros – por exemplo, erros de ativistas de esquerda são sempre imperdoáveis para os que olham e julgam sem sair de suas poltronas privilegiadas – falo do ceticismo sem ação! Aquele que põe as ações ou ideias mais libertadoras, por alguma comodidade, sempre no escopo da idealização absurda.

Essa lógica é bem perversa na política: os piores partidos e políticos (sobretudo para as mídias) por serem tradicionalmente vistos como corruptos e perniciosos, podem permanecer assim, impunes, fazendo o que lhes parece o normal da vida: a corrupção do outro e do próprio coletivo. Já um movimento outro que procura alguma busca mais coletiva, mais favorável à mudança em favor de uma vida melhor (tanto para o planeta como para as pessoas) são condenados com mais veemências, pois sobre suas ações pesam fortemente os laços religiosos dos que seriam ligeiramente afetados por quaisquer mudanças na ordem social – um exemplo grandioso é o que os EUA fazem com vários países, tanto latino-americanos como de outros

continentes, decretando bloqueios e divulgando fake News para pintá-los como monstruosos e demoníacos (ler Chomsky e Zizek ajuda a pôr os EUA no lugar que eles merecem!). Os religiosos aplaudem e, em nome da família, condenam Cuba, Venezuela e outras tentativas socialistas como um perigo para a ordem religiosa, para a família, para a ordem social organizada em torno do pai criador. Enxergam as crises desses países, mas tapam os olhos para os boicotes econômicos. Somam forças suas com os deuses banqueiros!

Um outro exemplo interessante, nas décadas de 1980 e 1990, a ideia de que as tecnologias viriam para aliviar o esforço humano, que ajudariam os homens a trabalhar menos e até melhorar a qualidade de vida investindo em cultura e lazer, até chegou a se destacar. Assistimos a várias empresas preocupadas com a LER (lesão por esforço repetitivo, propunham-se alongamentos e atividades físicas ao longo do expediente) e com o LER (dar um tempo para os operários lerem alguma coisa durante a jornada), muitas delas até se esforçavam para que todos tivessem um convênio médico, até mesmo área de lazer para o grupo entrava na lista de bem-estar social. Mas o principal mesmo era o início de um discurso sobre a diminuição da carga-horária de trabalho. Contudo, os tais neoliberais, em nome de Deus, ganharam destaques na mídia e começaram a mostrar como é boa “a competitividade”, que o importante era a racionalização de tudo para que o lucro do mercado financeiro fosse sempre crescente (até onde pode ir?). Enfim, retomaram e até com aplausos das próprias vítimas, a exploração sem trégua da mão-de-obra barata. Uberização, ifoodização, PJotização (a pessoa vira empreendedora de si própria, ou seja, não recebe mais férias, 13º, FGTS e nem INSS – claro, muito menos, plano de saúde). Enfim, todos os sonhos dos setenta e dos oitenta se foram, como a tal criança que sempre é jogada fora juntamente com a água do banho.

Ao lado disso, Deus continuou abençoando seus fiéis e dando toda a força aos governos que dizem “Deus acima de tudo” ou que trazem no próprio dinheiro a escrita “In God we trust”. Seitas protestantes descobriram que a melhor fórmula de fazer suas igrejas se transformarem em impérios só poderia ser algo resultante dessas fórmulas econômicas neoliberais: nós oramos para Deus iluminar seu caminho e para que a fartura de bens materiais faça de você um ser melhor que os outros. Em retribuição e em nome de Deus você deposita na conta tal.

Então, aos poucos vamos tecendo aqui a junção entre ter Deus e ser individualista a tal ponto de obstarmos quaisquer possibilidades de vida coletiva com alguma chance de felicidade. Mais dois versos do “Elegia 1938”: “Trabalhas sem alegria para um mundo caduco/onde as formas e ações não encerram nenhum exemplo”.

Até mesmo a hecatombe do planeta, que está muito próxima, deverá soar com trombetas dos discursos que anunciam a vinda de Deus para o justo: para que cuidar do planeta, se Deus vem mesmo para nos salvar e nos levar para um lugar onde tem rios de cerveja com ilhas de picanha?! E lá nem se precisa de plano de saúde porque o corpo será indestrutível para todos os séculos e séculos, amém!

Ah, gostaria muito que os que esperam o paraíso e a vida eterna parassem um segundinho só e imaginassem a duração de uma vida eterna. Dias após dias, sempre alegre, sempre feliz, sem nada de ruim acontecendo, tudo perfeito.... Ulisses, o tal Odisseu da Odisseia (Homero), não quis isso! Por que será? Preferiu ser mortal, voltar para a sua amada Penélope a ter que ficar a vida toda no paraíso ao lado da imortal Calipso. Bem, tá certo, Odisseu era guerreiro, homem cuja vocação era a aventura. Para ele, ficar a vida inteira comendo picanha e bebendo cerveja na ilha de Ogígia não teria a menor graça. Bem, mas para os que possuem a graça de Deus, a

vida eterna será abençoada e sempre feliz, mesmo que não haja contraste para se aquilatar o tamanho da felicidade.

Bem, mas voltando aqui à vaca fria da minha ideologia: deixei de acreditar?! Sim! Só em Deus e na vida eterna?! Não! Deixei de acreditar na própria palavra “acreditar”! É radical? Sim! “Credit_”, da palavra crédito, que também serve para os bancos!

Não sei bem o percentual de pessoas que querem transformar e melhorar o mundo, não sei mesmo! Acho que está bem abaixo da maioria, mas não quero acreditar e nem desacreditar que elas não vão conseguir prevalecer. Prefiro, como uma formiga, fazer a minha pequena parte, em silêncio às vezes, outras ruidosamente. Creio que é necessário escapar da cilada milenar: há um estado de coisas perfeitas, pode ser Deus, a promessa do paraíso, ou mesmo uma premissa de que é preciso acreditar em algo para que esse algo idealizado mude nossas vidas.

Há situações que são muito concretas, por exemplo, atualmente estou ajudando um grupo de jovens lutadores (do MLB – Movimento de Luta nos Bairros e Favelas – não confunda nunca com MBL – este é inteiramente favorável ao individualismo!). Não sei se creio neles, no futuro do movimento, mas sei muito bem que as ações são concretas, por isso dispenso a dicotomia crer / não crer. Mas me encanta saber que um grupo de famílias até ontem morava debaixo de um viaduto, lutava sem estratégia alguma por comida e por espaço (muitas vezes, trocando tapas e socos até mesmo entre seus integrantes) e que hoje estão em uma “ocupação”, reúnem-se, juntam esforços para que seus filhos recebam educação (cada ocupação tem uma creche, uma escola infantil). Esse grupo não é muito grande, mas cresce entre os estudantes e moradores de rua, aumenta seu número e suas ações com os militantes e crianças que crescem nas ocupações. Outros exemplos interessantes são o MST e o MTST, organizações que provocam mudanças concretas, mas não o suficiente para que a vida na Terra mude completamente. Notem que as Mídias poderosas, que adoram Deus, não mostram essas possibilidades; as poucas vezes que mostram, tentam dizer para os fiéis de Deus, que este seria o caminho da perdição: “são socialistas, comunistas, terroristas, ateus e arruaceiros!”. Em nome de Deus, o Bradesco e o Itaú fazem suas propagandas na Globo, em troca, ela espanta quaisquer possibilidades de mudanças em relação a uma distribuição de renda mais justa, ou seja, a Globo é dos que possuem a graça, talvez seja por isso que o Bradesco comemora o dia de Ação de Graças, na Cidade de Deus (Osasco – SP).

Bem, encerrando a prosa, pode até ser que em algum lugar do uni(multi)verso haja alguma divindade criadora, justa, capaz de operar com (ou como) um potente supercomputador e saber tudo sobre nós, sobre nossas intenções, sobre a luta que fazemos ou deixamos de fazer. Um sistema interativo, capaz de dotar cada participante com um pouco desse poder, aceitando que este interceda pelos que precisam de algum favor. Só me resta saber se Ele se deixaria enganar-se por aqueles que invocam seu nome a toda hora (mesmo contrariando o terceiro mandamento da Bíblia), que Lhe atribuem responsabilidades para todas as cagadas humanas ou se ele iria pôr a mão na testa e dizer:

- “Oh, não! Meu Deus, livre-me dessa gente!”

p.s. Este texto não foi escrito por uma pessoa possuída e nem por um inimigo poderoso, é apenas uma reflexão possível sobre a vida, a morte e os poderes. Meus amigos religiosos não precisam me perdoar, é só compreender que reflexões assim são possíveis e legais. Se quiserem curtir uma sessão de ação de graças do Bradesco de 1976 no estilo ditadura militar, cliquem no link:

<https://www.bing.com/videos/search?q=dia+de+a%c3%a7%c3%a3o+de+gra%c3%a7as+no+brasil+bradesco&view=detail&mid=06C916C6B3243324241306C916C6B32433242413&FORM=VI>
RE